

Roteiro das aulas. Agosto.

Hermenêutica : racionalismo e romantismo

Introdução

- a) A hermenêutica romântica – uma hermenêutica clássica?
- b) Crítica ao psicologismo subjetivista de Dilthey por Heidegger no interior da crítica à fenomenologia husserliana. A posição de Gadamer.
- c) A retomada da hermenêutica racionalista e de Schleiermacher por Peter Szondi. Problemas da interpretação de Szondi: Schleiermacher seria a culminação do Idealismo Alemão.
- d) A “autocrítica” de Gadamer.

Bibliografia

- Hans-Georg Gadamer, « Frühromantik, Hermeneutik, Deskonstruktivismus »
In : *Gesammelte Werke*, 10. Tübingen : Mohr, 1995. Tradução para o português :
« Romantismo primevo, hermêutica e desconstrutivismo ». In : *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis : Vozes, 2009.
- Jean Greisch, “Le principe d’équité comme âme de l’herméneutique (Georg Friedrich Meier). In: *Révue de métaphysique et de morale*, 1, 1, pp. 19-42.
- Rudolf A. Makkreel, “The confluence of Aesthetics and Hermeneutics in Baumgarten, Meier and Kant”. In: *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*. 54, 1, 1996, pp. 65-75.
- Peter Szondi, *Introduction à l’herméneutique littéraire. De Chladenius à Schleiermacher*. Paris : Cerf, 1989.

* * *

Pensamento e linguagem

- a) Locke : vinculação entre pensamento e linguagem.
- b) Sulzer : influência recíproca entre razão e linguagem.

Bibliografia :

- Lia Formigari, *Language and Experience in 17th British Philosophy*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- Johann Georg Sulzer, *Observações sobre a influência recíproca da razão sobre a linguagem e da linguagem sobre a razão*. A tradução pode se encontra em *Cadernos UFS de Filosofia*.

Entender um autor melhor do que ele mesmo se entendeu.

1) Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, A 313-314/B 37. Tradução Santos/Morujão.

Platão servia-se da palavra *Ideia* de tal modo que bem se vê que por ela entendia algo que não só nunca provém dos sentidos, mas até mesmo ultrapassa largamente os conceitos do entendimento, de que Aristóteles se ocupou, na medida em que nunca na experiência se encontrou algo que lhe fosse correspondente. As Ideias são, para ele, arquétipos das próprias coisas e não apenas chaves de experiências possíveis, como as categorias. Em sua opinião derivam da razão suprema, de onde passaram à razão humana, mas esta já se não encontra no seu estado originário, e só com esforço pode evocar pela reminiscência (que se chama a filosofia) essas antigas Ideias agora muito obscurecidas. Não pretendo aqui empreender uma investigação literária para apurar o sentido que o sublime filósofo atribuía à sua expressão. Observo apenas que não é nada de absolutamente incomum, nem em conversa corriqueira, nem em escritos, entender um autor melhor até do que ele mesmo se entendeu, mediante a comparação dos pensamentos que externou sobre seu assunto, quando não tenha determinado suficientemente o seu conceito e, com isso, falado ou mesmo pensado muitas vezes contra sua própria intenção.

2) I. Kant, *Menschenkunde*, edição Starke, p. 242.

As Ideias principais que governam muitas obras são frequentemente tão difíceis de desentranhar [*herausbringen*], que frequentemente o próprio autor não as pode descobrir [*herausfinden*] e, por vezes um outro pode lhe dizer qual era a Ideia principal. Mas se há alguma coisa na obra que vive harmoniosamente através do todo, isso é o que se chama de espírito.

3) I. Kant, *Crítica da razão pura*, A XIX.

[...] *alguns livros seriam muito claros, se não devessem se tornar claros*. Pois, de fato, os meios que se empregam para ajudar na clareza ajudam nas *partes*, mas frequentemente dispersam no *todo*, já que não deixam o leitor chegar com bastante rapidez à visão geral [*Überschau*] do todo e, através de todas as suas cores brilhantes, por assim dizer vedam e tornam irreconhecível a articulação ou a estrutura [*Gliederbau*] do sistema, da qual, no entanto, se depende acima de tudo para que se possa julgar a unidade e a solidez dele.

4) I. Kant, *Logik Philippi*, pp. 494-495.

Todo livro tem de ser lido ao menos duas vezes, a primeira rapidamente, quando se marcam as passagens que precisam de uma elucidação. Alguns livros são de grande importância e requerem muita reflexão; estes é preciso ler com frequência, *e. g.*, Hume, Rousseau, Locke, que pode ser considerado uma gramática para o entendimento, e o *Espírito das Leis*, de Montesquieu.

5) I. Kant, Rx 1684. AA, pp. 82-83.

Extrair a Ideia. Livros perdidos: quando ninguém descobre a Ideia. Ela não se deixa encontrar mediante remendos. É uma unidade, e o diverso sua consequência. As partes têm de ter sua explicação desde a Ideia. Nossos *conceptus* se referem a Ideias.

6) I. Kant, *Collegium Anthropologiae*, C. F. Nicolai. Apud Schlapp, p. 142.

É um espírito curto aquele que, num livro elaborado, onde há erros, não discerne a Ideia do gênio, que no entanto ousou dizer algo assim. É preciso ler esses autores que são paradoxais, visto que neles se encontra muita coisa nova.

7) Christian Wolff, *Philosophia rationalis sive Logica (Lógica latina)*, § 929.

Por isso, se um autor junta a alguns termos uma noção confusa e o leitor, por outro lado, uma noção distinta, as duas representando a mesma coisa: o

autor entende o que o autor tem em mente e o explica melhor. Com efeito, tal ocorre se a mesma coisa é representada por uma noção confusa do autor e distinta do leitor, e ambos atribuem o mesmo significado ao termo. Se ambos atribuem o mesmo predicado ao mesmo sujeito, não se pode duvidar que o leitor entenda o que o autor tem em mente.

[...] é evidente, de qualquer modo, que ao interpretar uma proposição do autor, substituindo a noção confusa por uma noção distinta, o leitor explica melhor o sentido do autor do que poderia ser feito pelo próprio.

Hermenêutica – Georg Friedrich Meier

1)

Neste mundo, porque ele é o melhor, se encontra o maior nexo de designação geral possível num mundo. Consequentemente, qualquer parte real neste mundo pode ser um signo natural imediato ou mediato, mais próximo ou mais distante, de qualquer outra parte deste mundo (§ 28, 18.) Por conseguinte, qualquer coisa presente pode ser sinal de rememoração de tudo que veio antes, um sinal indicativo de tudo o que é presente e um presságio de tudo o que é futuro. Do mesmo modo, tudo o que é passado pode ser um presságio de tudo o que é presente e futuro.¹

2)

Signo (signum, character) é um meio pelo qual a realidade de outra coisa é conhecida. Uma coisa, se sua realidade é conhecida a partir de um signo, é denominada *coisa designada (signatum)* e se chama *significação do signo (significatus)*, se sua realidade pode ser conhecida a partir do signo. Por conseguinte, a significação é a intenção do signo, e o signo é a razão de conhecimento da coisa designada.²

3)

Uma vez que se pode inferir da realidade da causa à realidade da coisa causada, assim como da existência da coisa causada à existência da causa real, cada causa que é uma parte deste mundo é, em virtude do nexo geral das coisas, signo natural da coisa causada, e esta é signo natural de alguma de suas causas, que é real (§ 35) Qualquer causa é para os homens sinal natural da coisa causada, e esta um signo natural de sua causa real, para que os homens possam aplicar a elas as regras que foram tratadas nos §§ 40 e ³

4)

¹ Georg Friedrich Meier, *Versuch einer allgemeinen Auslegungskunst*, § 35. Halle: Hemmerde, 1757, p. 18.

² Idem, § 7, pp. 4-5.

² Idem, § 7, pp. 4-5.

³ Idem, § 68, p. 36.

O criador dos sinais (*signator*) é aquele que designa certas coisas ou aquele que escolhe os sinais ou faz de algo um sinal. E ele é tanto mais perfeito, quanto melhores forem os sinais que escolhe. Quanto mais perfeito o criador dos sinais, tanto melhor o conhecimento que tem dos sinais, e tanto mais hábil ele é para a interpretação (§ 10). Por conseguinte, um autor perfeito dos signos é sempre também um melhor intérprete, se no mais tudo está correto.” (Idem, § 16, p. 9).

Imaginação – faculdade de fingir

Leibniz: a *ars characteristic*

1)

O progresso da arte racional da invenção depende na maior parte da perfeição da arte característica.⁴

2)

Chamo de caráter a nota visível que representa pensamentos. Arte característica é, desse modo, a arte de formar e ordenar caracteres para que refiram pensamentos ou para que tenham entre si a relação que os pensamentos têm entre si. *Expressão* é uma reunião de caracteres que representam a coisa que se exprime. A *lei das expressões* é a seguinte: assim como a ideia da coisa a ser expressa é composta das ideias das coisas, a expressão da coisa é composta dos caracteres daquelas mesmas coisas.⁵

Christian Wolff: desdobramento da imaginação (geometria) – *facultas fingendi*.

3)

⁴ “Progressus Artis inventoriae rationalis pro magna parte pendet a perfectione artis characteristicae.” (GP VIII, p. 198)

⁵ “Characterem voco notam visibilem cogitationes repraesentantem. Ars characteristic est ars ita formandi atque ordinandi caracteres, ut referant cogitationes, seu ut eam inter se habeant relationem, quam cogitationes inter se habeant. Expressio est aggregatum characterum rem quae exprimitur repraesentantium. Lex expressionum haec est: ut ex quarum rerum ideis componitur rei exprimendae Idea, ex illarum rerum characteribus componatur rei expressio.” ((Phil., V, 6, f. 16; AP. Bodemann, p. 80-81)

Chamo de significado hieroglífico aquilo pelo que alguma coisa é transferida para a denotação de outra.⁶

4)

Se não apenas as partes singulares de que é composto o fantasma [*phantasma*] denotam diversas determinações intrínsecas à coisa, mas ainda se os singulares [*singula*] que podem ser distinguidos nessas partes denotam aquelas que são discernidas nas determinações da coisa, o fantasma é plenamente significativo e perfeito no gênero dos hieróglifos.⁷

Baumgarten: imaginação – facultas characteristic – facultas fingendi

- doutrina das faculdades inferiores de conhecimento em Baumgarten:

a) sentidos; b) imaginação (*phantasia*); c) perspicácia (Witz); d) memória e) faculdade de compor/fingir (facultas fingendi); f) previsão; g) juízo; h) presságio. (Metafísica §§519 e segs.)

Facultas fingendi

Combinando fantasmas e *prescindindo*, isto é, atentando apenas para parte de alguma percepção, eu finjo [*fingo*]. Tenho portanto uma faculdade de fingir, § 216, [uma faculdade] *poética*. Uma vez que combinação é representação de muitos como um, ela é ativada pela faculdade de perceber identidades entre as coisas, § 572, 155;

Faculdade característica = Das Vermögen der Zeichen-Kunde

Percebo signos juntamente com os designados; logo tenho a faculdade de juntar na representação signos com os designados, que se pode chamar de *faculdade característica*, § 216. Sempre que neste mundo houver um nexo significativo, as percepções da faculdade características entram em jogo pela força da alma que representa o universo, § 513. O nexo significativo é conhecido, quer distinta, quer indistintamente; portanto, a faculdade característica é ou sensível, § 521, ou intelectual, § 402.⁸

⁶ Christian Wolff, *Psychologia empirica*, § 151, p. 66.

⁷ Christian Wolff, *Psychologia empirica*, § 153, p. 67.

⁸ A. Baumgarten, *Metaphysica*, § 619, p. 225.

Arte hieroglífica e faculdade fingendi

(3) Chamo de significado hieroglífico aquilo pelo que alguma coisa é transferida para a denotação de outra.⁹

(4) Se não apenas as partes singulares de que é composto o fantasma [*phantasma*] denotam diversas determinações intrínsecas à coisa, mas ainda se os singulares [*singula*] que podem ser distinguidos nessas partes denotam aquelas que são discernidas nas determinações da coisa, o fantasma é plenamente significativo e perfeito no gênero dos hieróglifos.¹⁰

(as partes restantes são *tacite supponenda*) (graus de perfeição dos hieróglifos) (se o fantasma hieroglífico representa notas características singulares = vale por uma definição)

Baumgarten: imaginação – facultas characteristica – facultas fingendi

- doutrina das faculdades inferiores de conhecimento em Baumgarten:

a) sentidos; b) imaginação (*phantasia*); c) perspicácia (Witz); d) memória e) faculdade de compor/fingir (facultas fingendi); f) previsão; g) juízo; h) presságio. (Metafísica §§519 e segs.)

Facultas fingendi

Combinando fantasmas e *prescindindo*, isto é, atentando apenas para parte de alguma percepção, eu finjo [*fingo*]. Tenho portanto uma faculdade de fingir, § 216, [uma faculdade] *poética*. Uma vez que combinação é representação de muitos como um e ela é ativada pela faculdade de perceber identidades entre as coisas, § 572, 155, a faculdade de fingir é ativada pela força da alma de representar o universo, § 557, 576.¹¹

(Durch trennen und absondern)

Faculdade característica = Das Vermögen der Zeichen-Kunde

⁹ Christian Wolff, *Psychologia empirica*, § 151, p. 66.

¹⁰ Christian Wolff, *Psychologia empirica*, § 153, p. 67.

¹¹ Alexander Gottlieb Baumgarten, *Metaphysica*, § 589, p. 212.

Percebo signos juntamente com os designados; logo tenho a faculdade de juntar na representação signos com os designados, que se pode chamar de *faculdade característica*, § 216. Sempre que neste mundo houver um nexos significativo, as percepções da faculdade características entram em jogo pela força da alma que representa o universo, § 513. O nexos significativo é conhecido, quer distinta, quer indistintamente; portanto, a faculdade característica é ou sensível, § 521, ou intelectual, § 402.¹²

Meier: *Bezeichnungsvermögen* e *Dichtungsvermögen*

Kant: algumas faculdades da faculdade inferior de conhecimento

Curso de Antropologia Parow (1772-1773): a) p. 269 e b) pp. 303-305.

a) A matéria da sensibilidade, a forma, a intuição sensível¹³, na medida em que representamos algo paralelamente a essa sensação. A cada sensibilidade há, porém, uma formação de imagem [*Abbildung*], na qual reunimos as imagens das impressões que ocorrem sobre nossos sentidos e as representamos de uma só vez [*auf einmal*]; freqüentemente também não podemos fazer nenhuma imagem de uma coisa simplesmente porque nela falta a simplicidade, por exemplo, no modo de construção gótico, em que são empregados muitos ornamentos. Também temos, no entanto, ainda a faculdade de representar a imagem na ausência do objeto, e a isso se chama de reprodução [*Nachbildung*] ou previsão [*Vorbildung*], conceitos os quais só são diferentes segundo o tempo. Mas totalmente diferente deles é a imaginação [*Einbildung*], onde criamos um objeto totalmente novo; o linguajar comum indica o verdadeiro conceito dessa palavra, embora entre os filósofos ela seja freqüentemente empregada em lugar de reprodução. Um poeta precisa ter uma tal imaginação.

b) Fazem parte das atividades que estão vinculadas com a capacidade física:

1.) Faculdade de formação [*Bildungsvermögen*]

2.) Faculdade de reprodução da imagem [*Nachbildungsvermögen*]

¹² A. Baumgarten, *Metaphysica*, § 619, p. 225.

¹³ No manuscrito Parow, em lugar de “a forma, a intuição sensível”, lê-se “forma das representações sensíveis”. (NT)

- 3.) Faculdade de previsão [*Vorbildungsvermögen*]
- 4.) Faculdade de imaginação [*Einbildungsvermögen*]
- 5.) Faculdade de aprimoramento [*Ausbildungsvermögen*].

A sensibilidade produz meramente imagens, mas o entendimento, conceitos.

1.) Da faculdade de formação. Ao abrir os olhos ocorrem muitas impressões sensíveis, minha mente as combina e faz delas um todo, e isso é capacidade de formação. Assim, um pintor tem grande dificuldade para colocar numa imagem os traços cômicos de todo um grupo reunido. Em todas as sensações ou intuições sensíveis, somos passivos, mas a capacidade de formação é ativa.

2.) Da reprodução. Podemos representar agora como presente uma coisa que antes ocorreu, esta é a fonte da fecundidade de tempos passados em vista de tempos futuros. Essa faculdade também se chama imaginação, em sociedade se exige [*ist die Praetension*], quando tudo fica em silêncio: “Conte alguma coisa”, e então é justamente que não se sabe contar nada. Como isso ocorre? A provisão de imagens pode ser muito grande, mas não se é capaz de reproduzi-las imediatamente. Com muita freqüência, o que é presente é causa da renovação do que é passado. Há, pois, uma conexão entre as sensações e as imagens de tempos passados e até um vínculo físico.

III.) A previsão ocorre exatamente como a reprodução. É que se transpõe a imagem inteira de tempos passados para o tempo futuro, e isso é um fluxo natural. Até um cão sabe, quando o caçador pega os apetrechos de caça, que a caça irá se dar. Quem entende esse jogo de nossa mente, saberá facilmente comover em poesia e em eloqüência.

Faculdade característica em Kant:

A *facultas characteristic* é uma consequência da fantasia segundo a lei da associação, produzindo sinais e coisas, e coisas e sinais. Essa *facultas* é particularmente necessária para a designação de conceitos abstratos/abstraídos. Quanto mais afastada [uma sensação], tanto menos é sentida, e os sinais renovarão essas sensações. Palavras suportam a capacidade vacilante da alma – elas mantêm a atenção a coisas bem finas.”

Cf. *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*, tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, § 31 e 38.